

# A estação paleolítica de Vilas Ruivas (Ródão) Campanha de 1979

G. E. P. P.\*

## Resumo

A estação de Vilas Ruivas, Ródão, situa-se num complexo de formação fluvial, ligado ao Tejo e à rede lateral deste, e é formada por dois níveis de *habitat*. O nível superior foi objecto de escavação em extensão durante os anos 1978/1979. A partir da superfície posta a descoberto, cerca de 35 m<sup>2</sup>, pode tentar-se já uma primeira caracterização deste horizonte. Trata-se de um acampamento possivelmente de tipo "work-camp" (Binford, 1966), instalado nas margens do antigo leito do rio Tejo, ou num dos seus afluentes fósseis, mas em qualquer dos casos numa região de confluência de diferentes cursos de água, com desenvolvidas estruturas de *habitat*, compreendendo, pelo menos, sistemas de protecção contra os ventos, iluminados e aquecidos pelo fogo de "lareiras-caloríferos", ocupado por homens do Riss final ou do Würm antigo, com uma indústria lítica inserida no complexo técnico mustiero-levallaisense (mustierense?, pré-mustierense?) e com "facies levallais" bastante marcado.

## Résumé

*Le site de Vilas Ruivas (Ródão) se trouve dans un complexe de formation fluviale, rattachée au Tage et à son réseau latéral, formée par deux niveaux d'habitat. Le niveau supérieur a été le but de fouille en extension au cours des années de 1978 et 1979. Dès la surface mise à découvert (35 m<sup>2</sup> environ) on peut déjà essayer une première caractérisation de cet horizon. Il s'agit d'un campement, peut-être du type "work-camp" (Binford, 1966), installé sur les bords de l'ancien lit du Tage ou sur ceux de l'un de ses affluents fossiles, mais, en tout cas, dans une région de confluence de différents courants d'eau, avec des*

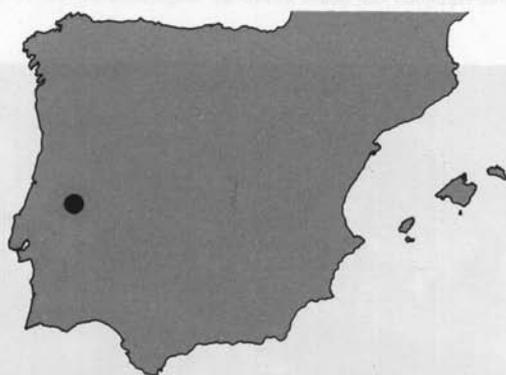
---

\* G.E.P.P., Grupo para o Estudo do Paleolítico Português. Colaboraram neste trabalho os seguintes elementos do G.E.P.P.: António Carlos Silva, Carlos Martinho Pimenta, Francisco Sande Lemos, João Zilhão, José Mateus, Luís Raposo e Maria João Coutinho. A fixação final do presente texto cabe a António Carlos Silva e Luís Raposo.



## 1. Introdução

Datam de 1971 os primeiros trabalhos de prospecção do G.E.P.P. na estação de Vilas Ruivas. As características geológicas do local — basicamente trata-se de restos de um terraço fluvial do Tejo, situado a uma altura de cerca de 32 m acima do nível daquele rio <sup>1</sup> — atraíram a atenção de membros deste grupo,



Localização de Vilas Ruivas na península Ibérica.

então primordialmente empenhados no levantamento arqueológico do chamado “Complexo de Arte Rupestre do Tejo”. Tais características determinaram que, logo após uma primeira fase de recolha de abundante material lítico de superfície, se realizassem, já em 1975 e 1976, duas pequenas sondagens com o objectivo de verificar as condições de jazida do material arqueológico.

Se relativamente a uma delas (sondagem 1), realizada no sector mais a ocidente da formação, junto a um talude natural aí existente, os resultados se

<sup>1</sup> G.E.P.P., *O estudo do Paleolítico da área do Ródão*, “O Arqueólogo Português”, série III, VII-IX, Lisboa, 1974-1977 (1977).



Fig. 1 — Vista geral da formação quaternária de Vilas Ruivas, tomada do alto das “Portas do Ródão”. A seta indica o local das escavações.



Fig. 2 — Campanha de escavações de 1979. Aspecto geral dos trabalhos.



Fig. 3 — Campanha de escavações de 1979. Pormenor da decapagem da lareira maior do conjunto sul.

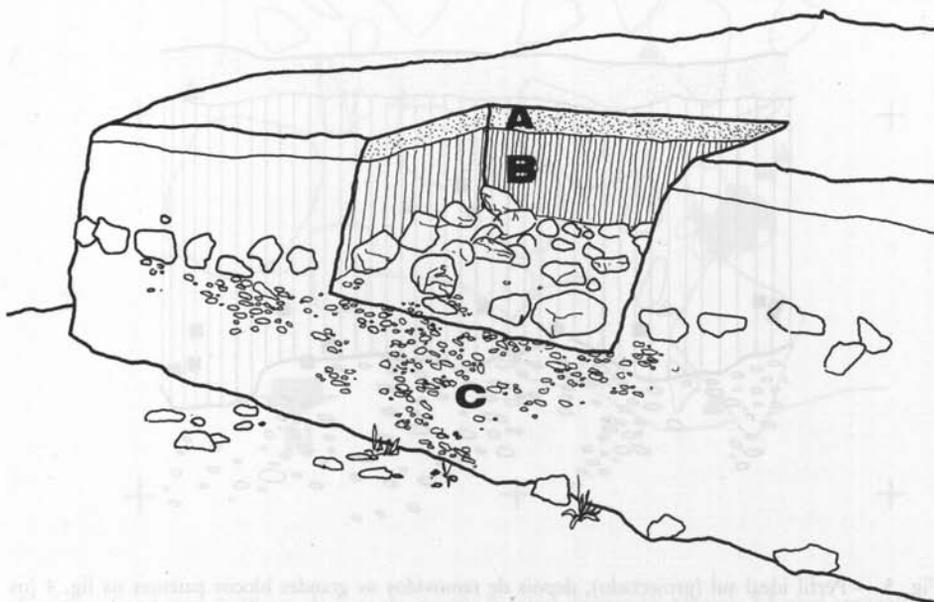


Fig. 4 — Sondagem 2. Visão esquemática. Esc. 1:50.

mostraram de reduzido interesse arqueológico (em sentido amplo: pré-histórico), devido ao facto de os materiais líticos se encontrarem embalados num coluvião de origem local e por isso deslocados das suas posições originais, já a outra (sondagem 2), realizada no extremo N.E. da formação, viria a revelar resultados verdadeiramente animadores no que respeita às condições de jazida dos materiais.

De facto, nesta sondagem, após a remoção de uma camada de alteração superficial (camada A), foi possível pôr a descoberto uma camada areno-siltosa, concrecionada, de cor avermelhada, absolutamente selada, cuja espessura atingia em média os 60 cm. Tratava-se da camada B, a que adiante nos referiremos mais detalhadamente e na qual se encontram hoje identificados 2 níveis de *habitat* distintos e aparentemente separados entre si por um hiato sedimentar estéril.

Desde estas primitivas sondagens até à campanha de 1979, de que neste texto trataremos, os trabalhos de campo realizados nesta estação foram por nós perspectivados no duplo sentido do reconhecimento cada vez mais alargado dos níveis de *habitat* detectados e da análise das características estratigráficas gerais da formação de Vilas Ruivas, daí retirando as possíveis ilações cronológicas e geomorfológicas.

Assim, a descoberta sucessiva de um possível “buraco de poste” na base da camada B (feita ainda no decorrer da primitiva sondagem 2) (fig. 6), de um alinhamento de blocos a meio daquela camada (feito na campanha de 1978,

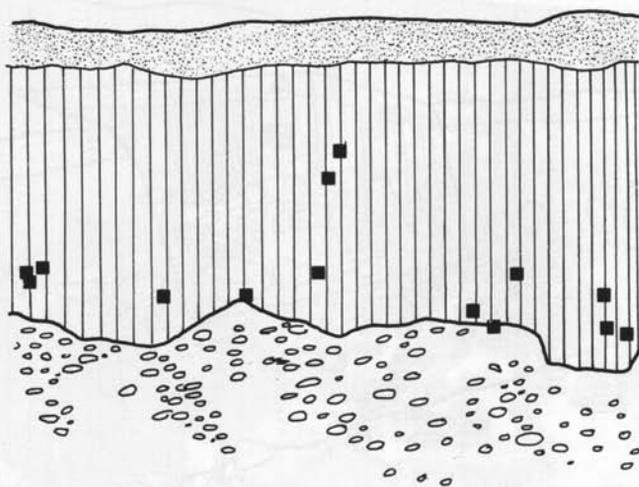


Fig. 5 — Perfil ideal sul (projectado), depois de removidos os grandes blocos patentes na fig. 4 (os quadrados negros representam artefactos líticos detectados). De notar a existência clara de um horizonte arqueológico inferior, na base da camada B, e um horizonte superior, mal evidenciado, representado aqui apenas por dois artefactos (trata-se do horizonte onde se viriam a detectar as estruturas de *habitat*). Esc. 1:20.

como adiante referiremos) (fig. 7) e finalmente de estruturas de *habitat* mais complexas, situadas no prolongamento do alinhamento já posto a descoberto (a que este texto se refere) (fig. 8), veio progressivamente impor a ideia da escavação em extensão, primeiro do horizonte superior (1.º nível da camada B) e depois do horizonte inferior (2.º nível da camada B) — este último apenas ainda só conhecido pela referida sondagem 2 (figs. 4, 5, 6, 7).

Por outro lado, a compreensão da estratigrafia geral da formação foi já em 1979 substancialmente facilitada pela abertura, por meios mecânicos, de vários cortes profundos, os quais, atingindo o substrato xistoso, puseram à vista seqüências sedimentares completas. Para além das importantes questões que mesmo depois desta campanha se mantêm — das quais a da articulação lateral das seqüências observadas é a mais importante —, foi contudo possível, em

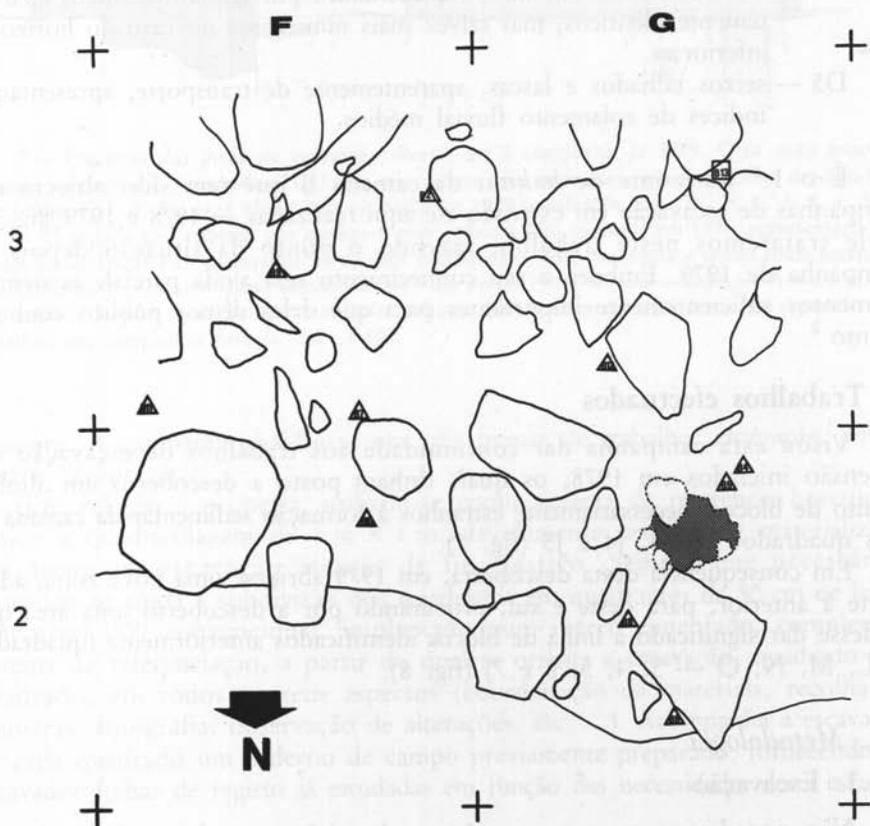


Fig. 6 — Sondagem 2. Planta da base da camada B (nível de grandes blocos), 2.º nível arqueológico detectado nesta camada. Os triângulos representam lascas, o rectângulo um núcleo. (Os números inscritos referem-se aos níveis artificiais de proveniência). A mancha preenchida por *grisé* indica o possível elemento estrutural ("buraco") detectado neste horizonte. Esc. 1:20.

relação a um desses cortes (corte 1, fig. 9) estabelecer o quadro interpretativo geo-crono-estratigráfico mínimo a que adiante nos referiremos. É hoje possível, como se verá, adiantar a perspectiva, algo segura, de que a formação de Vilas Ruias se trata basicamente de um terraço do Tejo, associado a outras formações fluviais atribuíveis a afluentes fósseis, da rede lateral de então — eventualmente a actual ribeira de Vilas Ruias, que então desaguaria em local situado mais a montante, correndo pelo flanco norte da formação, através de um paleo-talvêgue que hoje ainda é possível discernir.

Do ponto de vista estritamente arqueológico, forneceram materiais as seguintes camadas:

- A — indústria lítica local, de superfície, atribuível a um Paleolítico superior final ou Epipaleolítico, ainda não caracterizado dada a reduzida amostragem já recolhida;
- B — os dois horizontes arqueológicos *en place* atrás referidos, associados a estruturas de *habitat* e representados por conjuntos líticos aparentemente idênticos, mas talvez mais numerosos no caso do horizonte inferior;
- D5 — seixos talhados e lascas, aparentemente de transporte, apresentando índices de rolamento fluvial médios.

É o 1.º horizonte de *habitat* da camada B que tem sido objecto das campanhas de escavação em extensão até aqui realizadas — 1978 e 1979 (fig. 7). Dele trataremos neste trabalho, fazendo o ponto da situação depois da campanha de 1979. Embora o seu conhecimento seja ainda parcial, existem já elementos suficientemente importantes para que deles dêmos público conhecimento<sup>2</sup>.

## 2. Trabalhos efectuados

Visou esta campanha dar continuidade aos trabalhos de escavação em extensão iniciados em 1978, os quais tinham posto a descoberto um alinhamento de blocos, necessariamente estranhos à formação sedimentar da camada B, nos quadrados I3, I4, J4 e J5 (fig. 7).

Em consequência desta descoberta, em 1979 abriu-se uma nova zona, adjacente à anterior, para oeste e sul, procurando pôr a descoberto uma área que pudesse dar significado à linha de blocos identificados anteriormente (quadrados J, L, M, N, O — 3, 4, 5, 6 e 7) (fig. 8).

### 2.1. Metodologia

#### 2.1.1. Escavação

Não nos deteremos nesta ocasião na descrição exaustiva e sistemática da metodologia seguida. No entanto, consideramos útil referi-la, ainda que sinteti-

<sup>2</sup> G.E.P.P. *O Paleolítico do Ródão*, "Aspectos e Métodos da Pré-História", Trabalhos do G.E.A.P., 1, Porto, 1978; G.E.P.P. *Um acampamento do "Homem de Neanderthal" nas margens do Tejo?*, "História", 15, Lisboa, 1980.

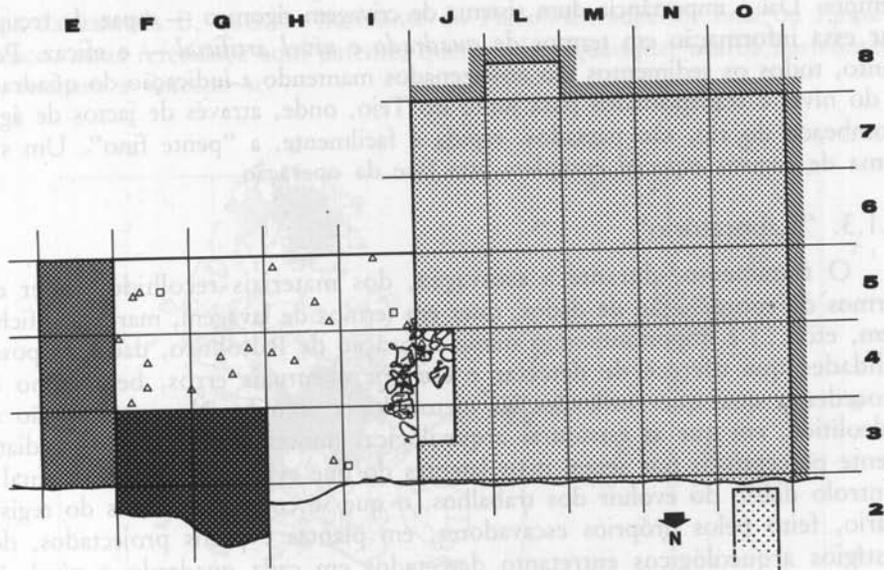


Fig. 7 — Esquema das áreas de escavação abertas até à campanha de 1979. *Grisé mais escuro e fechado*: sondagem 2 (quadrados FG-2, 3); *grisé escuro*: área reservada como testemunho da camada B (quadrados E 3, 4, 5); *grisé claro*: área escavada em 1979 (quadrados J, L, M, N, O, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8). O espaço não coberto por qualquer *grisé* indica a área escavada em 1978, representando os triângulos as lascas e os quadrados os núcleos encontrados neste horizonte e sendo ainda patente o “alinhamento”, cujo verdadeiro significado só mais tarde (1979) se viria a alcançar. A zona periférica assinalada por meio de um tracejado oblíquo indica as previsíveis áreas de expansão dos trabalhos em campanhas futuras. Esc. 1:100.

camente. A campanha dividiu-se por três frentes de trabalho: *escavação*, *crivagem* e “laboratório”.

Em relação à primeira, utilizou-se como sistema de referência horizontal básico a quadriculagem de 1 m × 1 m, devidamente orientada e materializada nas áreas em escavação através de fio elástico. Sempre que necessário, procedeu-se ainda a subdivisão dos quadrados em quadrantes de 50 cm de lado. Um nível “0” convencional, implantado num marco cimentado, completa o sistema de referência, a partir do qual se orienta a escavação, quadrado por quadrado, em todos os seus aspectos (coordenação de materiais, recolha de amostras, fotografia, observação de alterações, etc. ...). Acompanha a escavação de cada quadrado um caderno de campo previamente preparado, fornecendo ao escavador folhas de registo já estudadas em função das necessidades desta estação.

### 2.1.2. Crivagem

Embora a minuciosa “decapagem”, feita por camadas e dentro destas por níveis artificiais de 5 cm, permita o registo tridimensional de grande parte dos materiais e vestígios arqueológicos, a possibilidade de perda de informação, sobretudo do material mais fino (pequenas lascas, esquirolas, etc. ...) existe

sempre. Daí a importância dum sistema de crivagem rigoroso — capaz de recuperar essa informação em termos de *quadrado* e *nível artificial* — e eficaz. Para tanto, todos os sedimentos são armazenados mantendo a indicação do quadrado e do nível e transportados para junto do Tejo, onde, através de jactos de água bombeada do rio, são passados, rápida e facilmente, a “pente fino”. Um sistema de registo especial completa esta fase da operação.

### 2.1.3. “Laboratório”

O tratamento, durante a escavação, dos materiais recolhidos (quer em termos de coordenação de dados, quer em termos de lavagem, marcação, fichagem, etc. ...) é importantíssimo numa escavação de Paleolítico, dadas as possibilidades que oferece de detectar e corrigir eventuais erros, bem como de proceder a quaisquer inflexões na metodologia seguida. Numa escavação de Paleolítico, em que as estruturas arqueológicas muitas vezes não são imediatamente perceptíveis por serem mais latentes do que evidentes<sup>3</sup>, é fundamental o controlo diário do evoluir dos trabalhos, o que se consegue através do registo diário, feito pelos próprios escavadores, em plantas e perfis projectados, dos vestígios arqueológicos entretanto detectados em cada quadrado e nível. Só desta forma é possível, muitas vezes, possuir uma visão de conjunto do desenrolar dos trabalhos. Dia a dia, portanto, pretende-se que fique completo o ciclo mínimo que a informação recolhida numa escavação deve percorrer: decapagem-“exumação”-lavagem, marcação, etc. — registo em plantas e perfis. Esta perspectiva oferece ainda a vantagem suplementar (que a prática mostra ser extremamente importante) de fazer do escavador um elemento mais activo e colaborante, conferindo sentido mais amplo à sua actividade — a qual sem estas operações complementares não pode ser inteiramente compreendida, especialmente no caso do Paleolítico onde se não pode esperar encontrar aquilo que a nossa experiência de vida torna óbvio e noutros períodos se encontra.

## 2.2. Escavação da camada A

Esta camada, de alteração superficial, de cor castanho-amarelada, foi totalmente remexida por trabalhos agrícolas, que chegaram a dilacerar a superfície da camada B, que lhe é subjacente. A escavação procurou pôr em evidência os vestígios desses mesmos trabalhos, materializados por sulcos de arados claramente denunciadores da passagem para a camada B. Do ponto de vista arqueológico, dada a natureza desta camada, apenas se procedeu à recolha dos artefactos existentes, apenas os localizando por quadrados (salvo casos especiais). Futuramente, se verá qual a possibilidade de os triar, quer associando-os aos

<sup>3</sup> A sistematização relativa aos vários tipos de estruturas que é possível encontrar em estações paleolíticas (e não só) tem sido uma tarefa desenvolvida especialmente por Leroi-Gourhan e continuadores, quer em trabalhos de campo do próprio, quer em seminários académicos consagrados a este tema. Veja-se a propósito: LEROI GOURHAN, A.; BRÉZILLON, M., *Fouilles de Pinchevent — Essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien*, VIIème suppl. à Gallia Préhistoire, 1972; *Seminário sobre a análise das estruturas de habitat*, Collège de France, 1976.

níveis da camada B, quer ao horizonte do Paleolítico superior final ou Epipaleolítico, atrás referido e aqui patente, quer ainda a quaisquer outros horizontes que venham a detectar-se.

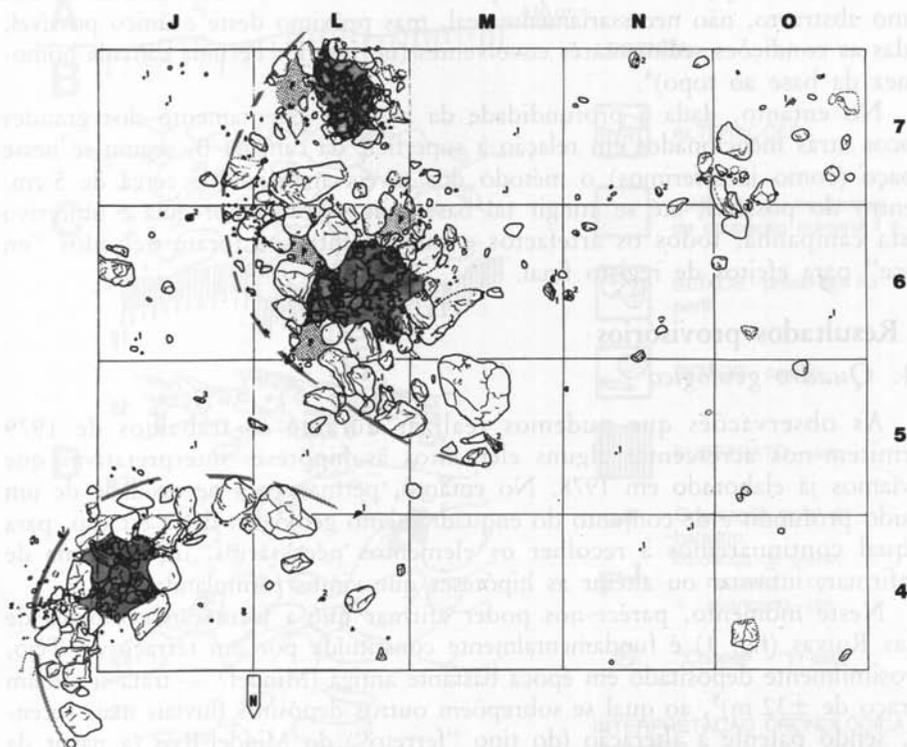


Fig. 8 — Campanha de escavações de 1979. Planta geral das estruturas de *habitat* do 1.º nível da camada B. Os espaços preenchidos por *grisé* escuro indicam as áreas interiores das lazeiras; os *grisés* claros indicam a localização dos possíveis “buracos” detectados; os artefactos estão representados por números: 1-lascas; 2-núcleos; 3-percutores. Esc. 1:50.

### 2.3. Escavação da camada B

A definição da superfície desta camada foi facilitada não só pelos sulcos de arado acima referidos, mas também pela sua própria textura e cor: a primeira concrecionada (contrariamente à camada A, móvel) e a segunda castanho-avermelhada. Nestas condições, uma vez posta a descoberto em toda a superfície a camada B, obteve-se a certeza de se estar, a partir daí, perante uma sequência inteiramente selada.

Nesta camada o principal problema técnico de escavação é o da delimitação da base do primeiro nível de *habitat*. Para a resolução desta questão, aproveitou-se a experiência da campanha de 1978: considerou-se a base de assentamento do alinhamento de blocos então descoberto como plano topográ-

fico de base do solo em escavação. A detecção durante a escavação de novos blocos, estruturados de forma idêntica aos primeiros, mais ajudou tal definição e deu peso ao princípio metodológico estabelecido. Ele não deixa, contudo, de constituir uma opção discutível porque conducente ao estabelecimento de um plano abstracto, não necessariamente real, mas próximo deste e único possível, dadas as condições sedimentares envolventes (no interior de uma camada homogénea da base ao topo)<sup>4</sup>.

No entanto, dada a profundidade da base de assentamento dos grandes blocos atrás mencionados em relação à superfície da camada B, seguiu-se nesse espaço (como já referimos) o método dos níveis artificiais de cerca de 5 cm. Dentro do possível, até se atingir tal base, que se tinha por guia e objectivo desta campanha, todos os artefactos e calhaus intrusos foram deixados “en place” para efeitos de registo final.

### 3. Resultados provisórios

#### 3.1. Quadro geológico

As observações que pudemos realizar durante os trabalhos de 1979 permitem-nos acrescentar alguns elementos às hipóteses interpretativas que havíamos já elaborado em 1978. No entanto, permanece a necessidade de um estudo profundo e de conjunto do enquadramento geológico desta estação, para o qual continuaremos a recolher os elementos necessários, única forma de confirmar, infirmar ou alterar as hipóteses que vimos formulando.

Neste momento, parece-nos poder afirmar que a formação geológica de Vilas Ruivas (fig. 1) é fundamentalmente constituída por um terraço do Tejo, verosimilmente depositado em época bastante antiga (Mindel? — trata-se de um terraço de  $\pm 32$  m)<sup>5</sup>, ao qual se sobrepõem outros depósitos fluviais mais recentes, sendo patente a alteração (do tipo “ferreto”) do Mindel-Riss (a partir da camada D1, em profundidade) (fig. 9). Provavelmente durante o Riss afluentes do Tejo escavaram este antigo terraço e redepositaram um novo pequeno terraço, que recobre a formação mindeliana. Sobre este terraço, ter-se-á dado um novo episódio de sedimentação. Trata-se de um depósito de cheia, atribuível a estes afluentes fósseis do Tejo, ou mesmo a este, o qual forma a camada B.

Esta camada B foi objecto, segundo as nossas observações e mesmo sem que tenha sido podido realizar, até ao momento, qualquer análise geoquímica, de sensíveis fenómenos de alteração: concrecionamento, migração ascendente de óxidos de ferro, patente em horizontes de acumulação sob seixos e blocos,

<sup>4</sup> Estas condições de sedimentação e a solução adoptada são comuns a várias outras estações arqueológicas, de que a de Pincevent é talvez o exemplo mais importante. A identificação do verdadeiro horizonte sobre o qual se ergueu o *habitat* de Vilas Ruivas é um objectivo relativamente pouco importante (já que a sua projecção abstracta, obtida pela forma descrita, satisfaz inteiramente), mas que, em todo o caso, talvez, seja possível atingir através da análise dos elementos finos do balastro (grãos e grânulos), da sua distribuição e acumulação nos vários níveis artificiais estabelecidos.

<sup>5</sup> Cf. G.E.P.P., *op. cit.*, (v. nota 1).

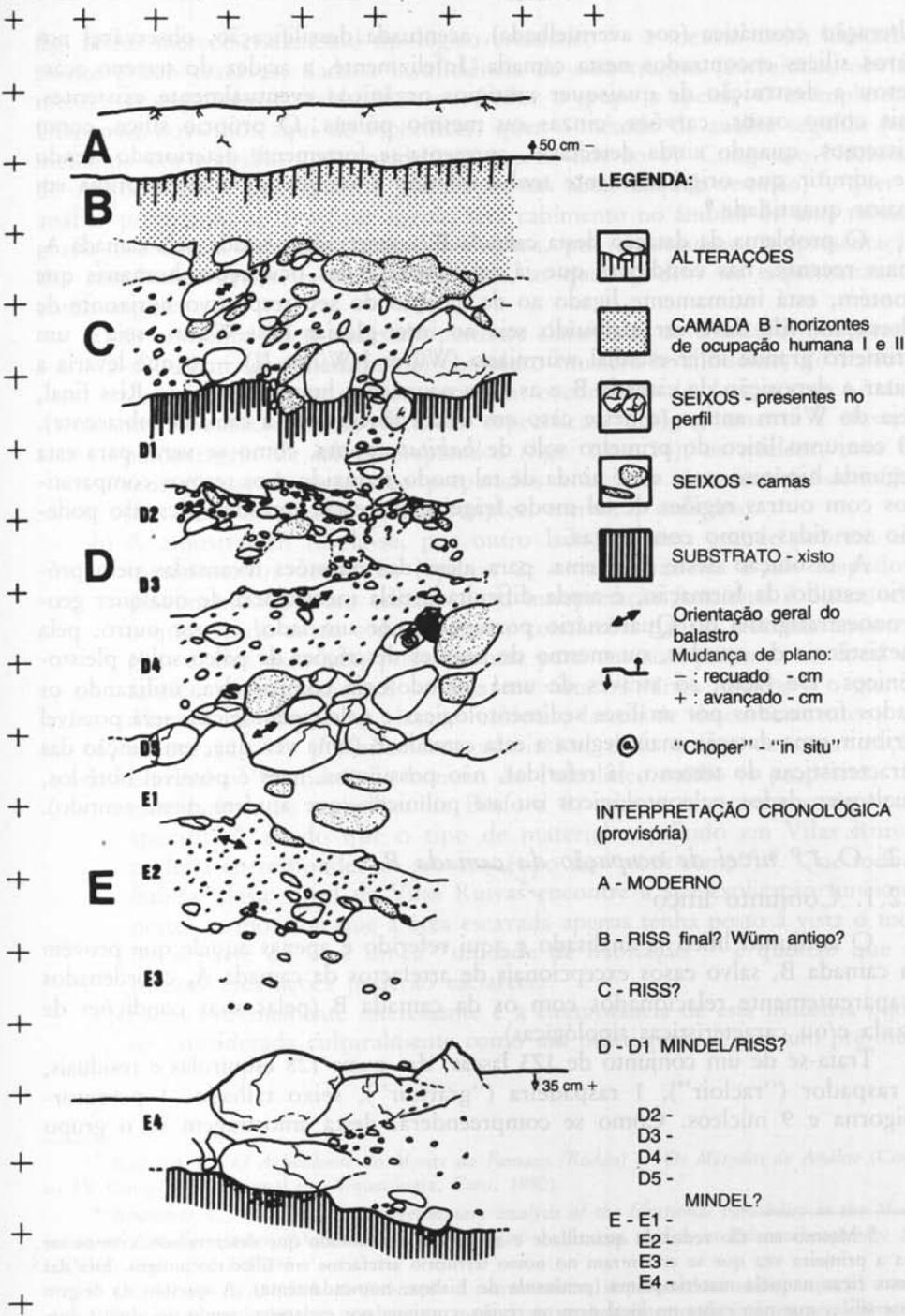


Fig. 9 — Corte 1. Perfil sul. Esc. 1:20.

alteração cromática (cor avermelhada), acentuada dessilificação, observável nos raros sílices encontrados nesta camada. Infelizmente, a acidez do terreno acarretou a destruição de quaisquer vestígios orgânicos eventualmente existentes, tais como ossos, carvões, cinzas ou mesmo pólenes. O próprio sílice, como dissemos, quando ainda detectável, apresenta-se fortemente deteriorado, sendo de admitir que originariamente tenha existido e servido de matéria-prima em maior quantidade<sup>6</sup>.

O problema da datação desta camada B, conservada e selada pela camada A, mais recente, nas condições que já referimos, e das ocupações humanas que contém, está intimamente ligado ao da datação do seu respectivo horizonte de alteração. Ele deve ser atribuído seja ao inter-glaciar Riss-Würm, seja a um primeiro grande inter-estadial würmiano (Würm I-Würm II) — o que levaria a datar a deposição da camada B e as suas ocupações humanas seja do Riss final, seja do Würm antigo (e neste caso em discordância com a camada subjacente). O conjunto lítico do primeiro solo de *habitat* aponta, como se verá, para esta segunda hipótese, mas ele é ainda de tal modo reduzido e os termos comparativos com outras regiões de tal modo frágeis, que estas considerações não poderão ser tidas como conclusivas.

A resolução deste problema, para além das questões levantadas pelo próprio estudo da formação, é ainda dificultada pela inexistência de qualquer geocronoestratigrafia do Quaternário português, por um lado, e, por outro, pela inexistência de estudos, ou mesmo de simples descrições de páleo-solos pleistocénicos. De facto, só através de uma metodologia comparativa, utilizando os dados fornecidos por análises sedimentológicas e paleopedológicas, será possível atribuir uma datação mais segura a esta camada B (uma vez que, em função das características do terreno, já referidas, não possuímos, nem é possível obtê-los, quaisquer dados paleontológicos ou até polínicos, que ajudem nesse sentido).

### 3.2. O 1.º nível de ocupação da camada B

#### 3.2.1. Conjunto lítico

O conjunto lítico já analisado e aqui referido é apenas aquele que provém da camada B, salvo casos excepcionais de artefactos da camada A, coordenados e aparentemente relacionados com os da camada B (pelas suas condições de jazida e/ou características tipológicas).

Trata-se de um conjunto de 173 lascas, das quais 128 esquirolas e residuais, 1 raspador (“racloir”), 1 raspadeira (“grattoir”), seixo talhado, 1 percutor-bigorna e 9 núcleos. Como se compreenderá, desta amostragem só o grupo

---

<sup>6</sup> Mesmo em tão reduzida quantidade e no estado deteriorado que descrevemos, cremos ser esta a primeira vez que se encontram no nosso território artefactos em sílice tão antigos, fora das zonas ricas naquela matéria-prima (península de Lisboa, nomeadamente). A questão da origem deste sílice, que não existe no local nem na região, continua por esclarecer, sendo de admitir duas hipóteses: a sua recolha junto ao Tejo, onde é possível existirem seixos de sílice transportado de outras regiões espanholas, a montante; a sua recolha (ou até a sua troca por outros materiais) em regiões próximas, a jusante (depois de Abrantes), sendo depois trazidos para aqui.

das lascas merece tratamento tipológico estatístico — e mesmo assim limitada-mente e sob reservas, dada a insuficiência da amostragem (excluindo, obviamente, as esquirolas e residuais, o que reduz o grupo a apenas 47 exemplares). Dispensar-nos-emos aqui de especificar, quer o método de análise seguido (re-metemos um trabalho apresentado por um de nós ao IV Congresso Nacional de Arqueologia e que aguarda publicação nas actas daquela reunião)<sup>7</sup>, quer a análise propriamente dita (que apenas terá cabimento no âmbito de uma monogra-fia sobre esta estação). Limitar-nos-emos, por conseguinte, à apresentação das conclusões gerais da análise realizada, as quais podem ser esquematizadas como segue:

- a) O conjunto lítico analisado pertence claramente ao chamado (por Leroi-Gourhan, designadamente) complexo mustero-levallaisense, do Paleolítico médio. Neste sentido apontam: o conjunto das lascas, com as suas várias características técnicas específicas, designadamente a elevada percentagem de talões preparados (figs. 13 e 14); os núcleos, com os seus planos de percussão preparados e as suas cicatrizes pré-definidas (fig. 12); o raspador lateral simples, convexo, ordinário.
- b) A amostragem revela-se, por outro lado, de uma grande pobreza em instrumentos acabados (apenas 2: uma raspadeira e um raspador, descontando o seixo talhado, cuja interpretação funcional é discutível), o que, sendo ainda cedo para tirar conclusões dada a reduzida amostragem e área escavada, pode apontar para um acampamento ou local de fabrico de instrumentos — haja em vista os vários núcleos e o grande número de esquirolas, lascas residuais, lascas de descortimento e de preparação —, perfeitamente admissível dada a fase de organização especial o “mundo” do homem do Paleolítico médio (a propósito, são elucidativos os trabalhos de Binford 8, com o seu conceito de “task specificity”, sendo que o tipo de material recolhido em Vilas Ruivas poderia corresponder ao seu arquétipo de “work-camp”)<sup>8</sup>. Que todo o *habitat* deste nível de Vilas Ruivas encontre a sua explicação funcional nestes termos, ou que a área escavada apenas tenha posto à vista o todo ou a parte de uma única “unidade de habitação”<sup>9</sup> é questão que só futuras escavações poderão esclarecer.
- c) Facto extremamente interessante é a circunstância de esta indústria poder ser considerada culturalmente como um mustierense (?) ou um pré-mus-

<sup>7</sup> RAPOSO, L., *O Acheulense do Monte do Famacó (Ródão) — Os Métodos de Análise* (Com. ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980).

<sup>8</sup> BINFORD, L.; BINFORD, S., *A preliminary analysis of the functional variability in the Mousterian of Levallois facies*, “American Anthropologist — Recent studies in Paleoanthropology 2”, LXVIII, 1966, pp. 238-295.

<sup>9</sup> O conceito de *unidade de habitação* é extremamente importante na análise espacial e funcional dos *habitat* paleolíticos, conduzindo mesmo ao estabelecimento de importantes limitações epistemológicas ao conjunto da informação até aqui recolhida na generalidade das escavações até aqui realizadas. Sobre esta questão, veja-se: LEROI-GOURHAN, A.; BRÉZILLON, M., *op. cit.* (v. nota 3); TIXIER, J., *Notice sur les travaux scientifiques*, Univ. Nanterre, Paris, 1978.

tierense (?)<sup>10</sup> (as interrogações justificam-se porque: — os instrumentos acabados são quase nulos; — a cronologia da formação no caso da camada B é ainda discutível) de **fácies marcadamente levallois** (utilizamos aqui a expressão “fácies levallois” independentemente do conteúdo específico que lhe é dado por F. Bordes). Esta circunstância, relativamente rara no nosso país, onde o mustierense quase nunca é descrito como de “fácies levallois” (o qual, aliás, parece insuficientemente definido), parece ser talvez a principal característica técnica e tipológica desta indústria. Embora o talhe dito “pseudo-levallois” (desviado, de tipo mustieróide) esteja presente, a verdade é que predominam as características da técnica levallois, que, como F. Bordes, definimos não tanto pela chamada “preparação do plano de percussão”, mas pela obtenção de formas pré-determinadas, pré-determinação essa bem visível quer nas faces externas das lascas, quer nos anversos dos núcleos, através de arestas-guias que atravessam ou tendem a atravessar a peça da extremidade proximal à extremidade distal. Exemplo típico e tecnicamente extraordinário (único entre nós, que conheçamos) desta técnica é o núcleo patente na fig. 12. De resto, este tipo de núcleos, claramente levallois, é mais frequente do que os chamados núcleos discóides (mustieróides), que aliás nunca o são de todo neste caso.

### 3.2.2. Estruturas de *habitat*

Como já referimos anteriormente, desde a realização da sondagem 2, vários indícios apontavam como possível a detecção de estruturas de *habitat* na estação de Vilas Ruivas. Por um lado, a existência de dois horizontes de artefactos líticos *en place*; por outro lado, a detecção na base da camada B dum buraco, estruturado por alguns calhaus, aparentemente artificial, e que poderá ser interpretado como um “buraco de poste” (fig. 7)<sup>11</sup>.

Perante estes dados, a orientação metodológica dos trabalhos de campo teve naturalmente em conta tal probabilidade, pelo que se conduziu a escavação em extensão — sem esquecer a estratigrafia, tal como já referimos anteriormente — com um registo exaustivo e sistemático de todas as ocorrências. Tal predisposição metodológica assentava ainda em dois pressupostos teóricos de base: primeiro, a consideração da possibilidade da existência e conservação de estruturas de *habitat* de ar livre em depósitos fluviais do tipo do da camada B de Vilas Ruivas, apesar de nunca antes detectados em Portugal; segundo, o

<sup>10</sup> Utiliza-se aqui o termo *pré-mustierense* no sentido que ele efectivamente tem em paleolítico, ou seja, indústrias “proto” mustierenses, do Riss final e princípios do Riss-Würm, de que a de Rigabe (França) é um exemplo típico. Não se trata, portanto, de uma aceção generalizante significando “tudo o que está antes” do mustierense.

<sup>11</sup> A detecção deste buraco foi possível graças à penetração da matriz da camada B (areias-siltosas castanho-avermelhadas), na superfície da camada C (cascalheira de elementos pequenos e médios, muito densa), num sector bem delimitado, estruturado, com a forma definida e uma profundidade de cerca de 20 cm.

reconhecimento apriorístico da importância fundamental do conhecimento do *habitat* paleolítico, como elemento privilegiado para a compreensão do processo evolutivo do homem<sup>12</sup>. Tal perspetivação da problemática arqueológica no estudo do Paleolítico, se bem que corrente noutros países desde os anos 50, nunca se fez sentir significativamente entre nós, continuando a “tipologia” e a “cronologia” a terem um papel predominante na investigação paleolítica, em detrimento da “páleo-etnologia”<sup>13</sup>.

É possível pois que o desconhecimento de estruturas de *habitat* paleolíticas no nosso território — ou pelo menos o seu registo arqueológico adequado — derive menos de factores de fundo ligados com as condições de jazida e conservação desses vestígios, do que das próprias condições, teóricas e práticas, que têm dominado neste sector da investigação arqueológica.

Neste contexto, os resultados da escavação de Vilas Ruivas viriam a revelar-se francamente animadores, logo no decorrer da 1.<sup>a</sup> campanha de trabalhos em extensão (1978). No conjunto dos quadrados então abertos, não só se confirmou a existência do primeiro nível arqueológico da camada B (até então apenas “pressentido” pela ocorrência de alguns — muito poucos — materiais líticos a esse nível, na sondagem 2, tal como é patente na fig. 5), como seria posto a descoberto, nesse mesmo nível, o que designámos por “alinhamento de blocos”, com características estruturais estranhas à camada geológica, e com uma intencionalidade bem marcada (fig. 7), ainda que o seu significado total nos escapasse então. Finalmente, e dado que o alinhamento mostrava prolongar-se para além da zona então escavada, tal facto determinou desde logo uma inflexão na orientação que os trabalhos tomariam em campanhas futuras, ou seja: alargar a área escavada deste 1.<sup>o</sup> nível, tentando conferir sentido pleno ao alinhamento posto a descoberto.

Efectivamente, na 2.<sup>a</sup> campanha de escavações (1979) os trabalhos permitiram não só obter novos dados para a compreensão arqueológica daquela primeira estrutura, como ainda pôr a descoberto um novo conjunto de estruturas no mesmo nível, as quais se nos revelaram desde logo como indubitavelmente de *habitat* (fig. 8). Designaremos estes dois conjuntos, respectivamente por *conjunto norte* e *conjunto sul*, segundo a sua posição relativa aproximada no terreno. Vejamo-los:

#### a) Descrição sumária

**Conjunto Norte** (fig. 10) (quadrados I3, I4, J4, J5, L4, L5).

Este conjunto, constituído por uma sobreposição de blocos de pedra solta, formando um amontoado orientado para oeste, tem aproximadamente a forma de um *crescente*, bem desenhado no solo, de que a corda do arco de circunfe-

<sup>12</sup> LEROI-GOURHAN, A., *Le Geste et la Parole*, 2, pp. 139-140.

<sup>13</sup> Dispensar-nos-emos aqui de nos alongarmos muito neste tema, já que um de nós o desenvolveu em comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980. SILVA, A. C., 1880-1980. No *Centenário do Congresso de Lisboa. 100 anos de estudo do Paleolítico Português*.

rência que ele define, tem um comprimento de 2 m e uma flecha de 80 cm. Na sua extremidade norte, o empilhamento de pedras chega a formar três níveis sobrepostos. Por outro lado, na sua parte central, e no sentido do interior do *crescente*, o empilhamento alarga-se dando origem a uma estrutura subsidiária, de forma circular, definida por blocos de pedras e com o interior preenchido por pequenas pedras e seixos. No exterior, principalmente no seu sector norte, este conjunto apresenta uma acumulação significativa de pedras miúdas, “coladas”, por fora, aos blocos que definem o *crescente*.

**Conjunto Sul** (fig. 11) (quadrados J6, J7, L5, L6, L7, M5, M6).

Este conjunto é mais complexo que o anterior. Embora a sua disposição geral pareça definir um segundo *crescente*, maior e mais aberto, este não é tão evidente ao olhar do observador. Em contrapartida, a existência no seu interior de duas outras estruturas circulares, também definidas por blocos de pedra, grandes e médios, e preenchidas por pequenas pedras e seixos, é aqui perfeitamente evidente. Destas, a que se encontra mais a NORTE é maior e melhor delimitada por blocos, alguns deles apresentando estalamentos com características térmicas — fendas longitudinais, “massacramentos” superficiais. O interior do círculo assim formado — cujo diâmetro tem aproximadamente 80 cm — encontra-se parcialmente preenchido por pedra miúda e pequenos seixos. A outra estrutura circular, situada mais a SUL, é menor — cerca de 40 cm de diâmetro —, não apresenta uma coroa de blocos tão nítida, mas em contrapartida o seu preenchimento interior de seixos e pequenas pedras é mais denso. Em associação com estas estruturas circulares e no espaço definido pelo *crescente* surgem-nos dois outros tipos de vestígios estruturais: em primeiro lugar alguns pequenos espaços vazios, de forma aproximadamente circular — com um diâmetro entre 15 e 20 cm — estruturados por pequenos blocos; em segundo lugar, um amontoado informe de pedras estaladas por acção térmica violenta e directa (quadrado L5), algumas das quais partidas em vários fragmentos, situados muito próximos uns dos outros e que é possível remontar com facilidade<sup>14</sup>. Também neste conjunto, se observa uma acumulação exterior de pedra miúda. Finalmente, no interior do *crescente*, entre o círculo de pedras melhor definido (a norte) e o amontoado de pedras estaladas atrás descritas, situa-se uma pedra de grandes dimensões, achatada, tendo junto a ela, a norte e a sul, alguns núcleos, lascas e resíduos de talhe (quadrado M5).

Resta acrescentar que, tal como acontece nas diferentes camadas da formação de Vilas Ruivas, não nos aparece aqui qualquer vestígio de origem orgânica, associado ou não com as estruturas descritas. Por outro lado, a análise da distribuição espacial do espólio lítico — cuja caracterização genérica fizemos anteriormente — dá-nos como único dado significativo imediato, a sua maior

<sup>14</sup> A observação pormenorizada da distribuição destes vários fragmentos de uma mesma pedra é reveladora do carácter selado e inteiramente *en place* desta camada B. Alguns fragmentos apenas escorregaram ligeiramente, por acção da gravidade, ao longo das linhas de fractura estabelecidas; outros foram projectados a curtas distâncias (no máximo 20 cm), sempre no sentido exterior do *crescente*, o que pode ser interpretado como resultado de uma acção de arremesso de pedra da lareira, para a linha do *crescente*.



Fig. 10 — Campanha de escavações de 1979. Estrutura norte.



Fig. 11 — Campanha de escavações de 1979. Estrutura sul. A seta em 1.º plano assinala o núcleo levallois M5-5 (ver fig. 12).

densidade no interior das áreas definidas pelos *crescentes* acima descritos, aumentando na proximidade dos círculos de pedras descritos. Determinadas observações de pormenor, como a referida a propósito do bloco achatado acima descrito, poderão ser feitas, mas a grandeza numérica do conjunto lítico detectado e a dimensão da área escavada não autorizam, como vimos, grandes conclusões definitivas a este respeito.

#### b) Ensaio interpretativo

Várias dificuldades se levantam quando pretendemos interpretar as estruturas arqueológicas que acabámos de descrever. A mais importante é, sem dúvida, a ausência total dos vestígios de natureza orgânica já referenciados, comuns em estações deste tipo noutras condições<sup>15</sup>, o que elimina à partida parte fundamental da informação disponível em situações ideais. Resta-nos apenas vestígios da ossatura lítica duma estrutura de *habitat* complexa, sobre cuja constituição, forma e função é, no entanto, legítimo especular.

Da análise topográfica das estruturas em causa ressaltam imediatamente, por um lado, os três círculos de blocos com o interior preenchido por pedra miúda e, por outro lado, os arcos ou *crescentes* de pedra solta que os envolvem.

No primeiro caso consideramos estar perante um conjunto de três “estruturas de combustão” — segundo a terminologia proposta por A. Leroi-Gourhan<sup>16</sup> — ou mais concretamente três “lareiras” (*foyers*) constituídas por um círculo ou coroa de pedras, segundo um tipo comum em estações paleolíticas europeias a partir do Riss<sup>17</sup>. Facto característico destas lareiras de Vilas Ruivas é o preenchimento da sua área de combustão por pedra miúda e pequenos seixos — o que não sendo inédito, tem sido no entanto observado apenas em lareiras de estações mais recentes (Paleolítico superior)<sup>18</sup>. Tal facto é normalmente interpretado como um preenchimento intencional com objectivos “caloríferos”: a presença das pedras aquecidas pelas chamas manteria uma irradiação térmica razoável, para além do apagar da fogueira. Embora a ausência de vestígios orgânicos de combustão, tais como carvões, cinzas ou ossos queimados, nos obrigue a grande prudência interpretativa, a presença do preenchimento “calorífero” poderá levar-nos a considerar as lareiras em causa como tendo tido essencialmente funções de aquecimento. Ainda em relação directa com uma destas lareiras, mais concretamente com a maior do conjunto sul, a presença do

<sup>15</sup> Embora nem sempre presentes, dadas as características de acidez dos solos, como aqui acontece. Um exemplo: em Orange, África do Sul, estruturas idênticas a estas, interpretadas de forma similar, também surgem sem qualquer contexto em termos de matéria orgânica.

<sup>16</sup> LEROI-GOURHAN, A., *Structures de combustion et structures d'excavation*, “Seminário sobre a análise das estruturas de habitat”. Publicado parcialmente em português, na “Revista do Museu Paulista”, Nova Série, XXVI, S. Paulo, 1979.

<sup>17</sup> PERLES, C., *Le Feu*, “Prehistoire Française”, I, 1, C. N. R. S., Paris, pp. 679-683.

<sup>18</sup> PERLES, C., *op. cit.* (v. nota 17), p. 680; PERLES, C., *La Prehistoire du Feu*, Masson, Paris, 1977, pp. 58-60.

amontoado informe de blocos apresentando vestígios claros da acção térmica — nomeadamente a presença de vários elementos (pelo menos cinco) duma mesma pedra, passível de reconstituição original — para além dum vestígio importante da presença do fogo nesta estação, revela ainda uma acção intencional de remoção de blocos estalados, e portanto inoportunos, na área de combustão propriamente dita.

É em estreita relação com estas lareiras que os *arcos ou crescentes* de pedra solta devem ser compreendidos, a nosso ver. Tais arcos de pedra solta — conhecidos em associação com estruturas de combustão em estações paleolíticas desde o Riss<sup>19</sup> — serão muito provavelmente a base remanescente de dois “pára-ventos”, cuja constituição seria por certo mais complexa. É possível também admitir, ainda que com maiores reservas, estarmos perante duas “cabanas” mais vastas, cujo prolongamento no terreno se teria tornado imperceptível, seja por destruição, seja pela natureza da sua própria constituição nessas zonas.

Tais hipóteses ganham consistência (embora disso não dependam em absoluto) se a interpretação dos vários “vazios estruturados” já referidos, for a de estruturas latentes, revelando o posicionamento de postes de suporte de estruturas de cobertura na vertical. Em qualquer dos casos, o conjunto das três lareiras paleolíticas até agora descobertas em Vilas Ruivas estaria envolvido por duas superestruturas de protecção, constituídas em grande parte por materiais perecíveis — peles ou ramos — limitando um espaço de *habitat* organizado e complexo, ocupando, pelo menos nesta “unidade habitação”, cerca de 10 m<sup>2</sup>. Ao nível dos dados concretos de campo, tal hipótese assenta ainda na observação do amontoado de pedra miúda existente no exterior dos arcos, o qual constituiria muito provavelmente um “aparelho de reforço”, que se encaixaria contra a “base” dos pára-ventos.

Não restando grandes dúvidas quanto ao facto de estarmos perante estruturas de *habitat* complexas, datando do Paleolítico inferior final ou princípios do Paleolítico médio — as únicas até agora registadas em termos arqueológicos no nosso país — poderá pôr-se a questão da sua compreensão em termos funcionais. Embora a área escavada seja ainda limitada — quer em extensão, quer em profundidade<sup>20</sup> —, poderemos desde já avançar estarmos perante um acampamento temporário de caçadores-recolectores. A presença das lareiras, infelizmente, face à ausência de vestígios orgânicos de combustão, pouco nos poderá indicar sobre as características da sua utilização, embora três hipóteses se possam fazer a este respeito: a sua utilização como fonte de aquecimento *tout court*; o seu aproveitamento culinário; ou ainda a sua relação com acções técnicas do trabalho da pedra. As insipientes observações geomorfológicas e sedimentares sobre o Quaternário da zona não nos permitem também a construção de qualquer quadro paleogeográfico mínimo, mas em todo o caso é

<sup>19</sup> PERLES, C., *op. cit.* (v. nota 17).

<sup>20</sup> Interessa verificar se o 2.º nível arqueológico da camada B contém também estruturas deste tipo e, em caso afirmativo, saber qual a relação entre ambas.

legítimo pensar que os ventos dominantes de então poderiam, tal como os de hoje, seguir o curso do rio, sendo fortemente canalizados pelas chamadas Portas do Ródão — e neste caso os pára-ventos detectados, com o seu arco virado contra tal direcção, encontrariam pleno sentido funcional.

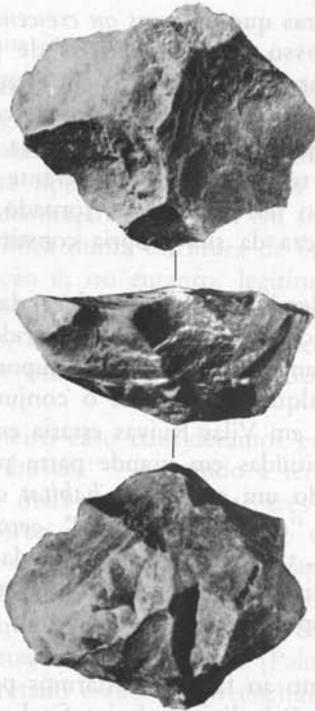


Fig. 12 — Campanha de escavações de 1979. Núcleo levallois típico e exemplar encontrado “en place” no quadrado M5. Esc. 1:2.

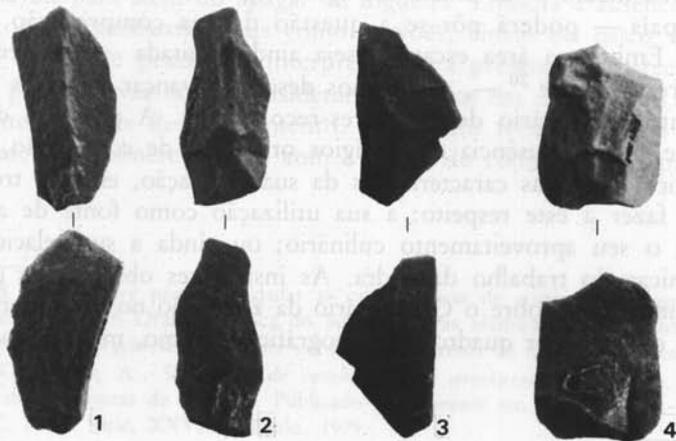


Fig. 13 — Campanha de escavações de 1979. Lascas, lascas lamelares, lâminas levallois, encontradas “en place” no 1.º horizonte arqueológico da camada B, em associação com as estruturas de *habitat* detectadas. Esc. 1:2.



Fig. 14 — Campanha de escavações de 1979. Pontas levallois e pseudolevallois, encontradas “en place” no 1.º horizonte arqueológico da camada B, em associação com as estruturas de *habitat* detectadas. Esc. 1:2.

#### 4. Conclusões — Perspectivas de trabalho

Resumindo o conjunto de informações que até ao momento temos recolhido e analisado, parece-nos possível darmos finalmente uma breve caracterização deste primeiro horizonte de ocupação humana da camada B, objecto da campanha de 1979:

*Tratar-se-á, assim, de um acampamento, possivelmente do tipo “work-camp”<sup>21</sup>, instalado nas margens do antigo curso do Tejo ou nas de um dos seus afluentes fósseis, mas em qualquer dos casos numa zona de confluência de cursos de água diferentes, com estruturas de habitat desenvolvidas, incluindo pelo menos formas de protecção contra os ventos, iluminadas e aquecidas pelo fogo de “lareiras-caloríferas”, e ocupado por homens do Riss final ou do Würm antigo, portadores de uma indústria lítica integrável no complexo técnico mustero-levalloisense (mustierense?, pré-mustierense?) e de fácies levallois bem marcado.*

Tomando para termo de comparação o estado dos trabalhos de 1978, o grande avanço verificado na campanha de 1979 foi, portanto, o de permitir definir o primeiro nível arqueológico inicialmente “pressentido” na primitiva sondagem 2, como um verdadeiro solo de *habitat*.

A importância de um tal achado, único no seu género em Portugal, é evidente. Acresce que toda a documentação até agora recolhida está longe de poder ser considerada esgotada. A este respeito a situação que neste texto procurámos resumir apenas refere alguns aspectos mais essenciais; ao nível da análise tipológica dos materiais líticos, por exemplo, toda a análise realizada ficou agora por apresentar; a coordenação de todos os elementos já recolhidos, que excede largamente a tipologia, poderá, ao nível desta, conduzir, por exemplo, a eventuais remontagens e, por via disso, a novas análises funcionais do *habitat*.

<sup>21</sup> BINFORD, L.: BINFORD, S., *op. cit.* (v. nota 8).

Futuras linhas de actuação nesta estação terão de procurar dar resposta a variadas questões, em prazos necessariamente diversos. Assim, a curto prazo, qualquer trabalho de campo estará condicionado pela operação prévia da moldagem e transposição para museu das estruturas detectadas, a qual se nos afigura desde já tão complexa quanto necessária à continuação dos trabalhos e à própria preservação dos vestígios. Depois, ainda no plano dos trabalhos de campo, haverá que, em termos estritamente arqueológicos, alargar mais no sentido sul e oeste (cf. fig. 7) a área escavada do 1.º nível de *habitat* da camada B, procurando novas unidades de habitação ou o prolongamento da já detectada, e simultaneamente alcançar numa maior área o 2.º nível de *habitat* daquela camada, no sentido duma mais segura avaliação das suas características e do seu real interesse, que tudo indica ser grande; de igual modo se deverá proceder a mais longo prazo em relação ao horizonte detectado em maior profundidade, na camada D5. No plano do conhecimento mais amplo da "história da formação" de Vilas Ruivas, haverá que abrir novos cortes profundos, procurando compreender as variações laterais de fácies já verificadas.

Outras direcções de pesquisa, ao nível do tratamento de toda a informação que se vá recolhendo, são, antes do mais, a da sua efectiva e útil coordenação, e depois todas as que permitam um melhor esclarecimento de questões, tais como: natureza e grau da alteração química patente na camada B; estabelecimento, partindo nomeadamente do estudo da distribuição dos grânulos, de uma eventual estratigrafia mais fina no interior da camada B, marcada por leitões ou simples variações de acumulações; análise das marcas da acção do fogo nas pedras daslareiras de nível de *habitat*, caracterizando-as, e, se possível, datando-as, através do método do páleo-magnetismo.